

esforço está comprometido na raiz; de que adianta restaurar **Rio 40 Graus** para mais dez anos? O filme restaurado continua submetido à atmosfera ambiente tanto quanto seus colegas não restaurados. Investe-se soma considerável na restauração individual de um título, perde-se de vista o investimento coletivo, maior em primeira instância, mas certamente mais lucrativo em termos de acervo. Neste raciocínio a aritmética é soberana: é melhor gastar mais para salvar 20.000 títulos que iludir-se com pequenos tratamentos de recuperação dos filmes em estado mais adiantado de decomposição. Porque a restauração não é a solução. Enquanto se recupera um filme outros cem permanecem em decomposição. Nunca haverá dinheiro suficiente para recuperar tudo. A solução aponta para o lado

da conservação. O país produz cerca de cem filmes de longa-metragem por ano e não pode esperar mais para ter depósitos climatizados especialmente construídos para abrigar filmes.

### Os planos da Cinemateca Brasileira

A Cinemateca Brasileira, que nunca teve sede nem construções próprias para seu funcionamento — está há vinte anos espalhada em barracões de alvenaria no Portão 5 do Parque Ibirapuera — recebeu recentemente a promessa de solução para o problema de suas acomodações. Até o final deste ano espera-se uma decisão que distribua as atividades da Cinemateca entre a cidade de Jundiaí e o bairro do Jabaquara em São Paulo. Uma vez que

se tenha o chão para construir, inicia-se uma campanha de captação de recursos para o levantamento das edificações especializadas no acondicionamento de películas cinematográficas. E mediante um sistema jurídico bem fundamentado de depósito, que resguarde ao produtor seus direitos de exploração comercial — a exemplo do que faz hoje o Serviço dos Arquivos do Filme do Centro Nacional de Cinematografia francês —, a Cinemateca poderá oferecer um serviço de locação de área climatizada. Quando este estágio for alcançado, solidificada nessas duas atividades complementares, a restauração e a conservação, a Cinemateca Brasileira deixará de ser a promessa que alguns brilhantes intelectuais, com vistas largas para o futuro, legaram ao país, nos idos dos anos 50.

---

## INFORMAÇÕES TÉCNICAS SOBRE O CÚRTA-METRAGEM "TCHAU, BRÁS"

---

Do ponto de vista técnico, "Tchau, Brás" foi uma experiência de produção em 35mm de baixo custo. Filmado em cerca de 12 horas, divididas em três dias, foi fotografado com película "vencida" e teve seu processamento de edição com utilização de bandas magnéticas perfuradas de 16mm. Para isto foi utilizada uma mesa de montagem de 35/16mm e acarretou uma razoável economia de material.

Ao nível técnico fotográfico, o problema que se colocou desde o início foi a filmagem noturna da festa, na rua, em frente à igreja de N. S. de Casaluce. As condições de luz eram

insuficientes, pois a iluminação da festa era baseada em fileiras de lâmpadas pequenas que atravessavam a rua de lado a lado.

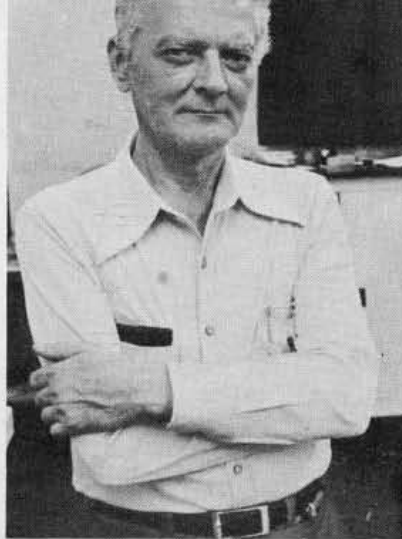
A idéia de se iluminar o local com luzes de cinema foi descartada por dois inconvenientes: primeiro, a perda da "naturalidade" da iluminação da festa, e segundo, devido ao grande equipamento de iluminação que deveria ser instalado no local: um mínimo de 15 a 20 colortrans de 1000 watts.

A simples puxada do filme também não seria a solução ideal, na medida em que os laboratórios puxam no máximo 2 stops, o que não seria o bas-

tante dada a elevada subexposição.

Em conversa com Josef Illés, um dos mais experientes técnicos de laboratório no Brasil, optamos por um procedimento que antes de tudo seria uma experiência: a sensibilização da película através o mercúrio. Segundo Josef, a película original (no nosso caso, Fuji FG64 ASA e Fuji HS 250 ASA, p/b, 35mm) após o procedimento passaria a ter uma sensibilidade por volta de 1000 ASA. E assim foi feito.

A sensibilização se faz na relação de 5 gramas de mercúrio vivo para 500 pés de película. Afrouxa-se o rolo de fil-



me dentro de uma lata grande e coloca-se um saquinho de pano com o mercúrio no buraco do batoque, lá permanecendo por 12 a 24 horas. A filmagem deve se realizar imediatamente após a sensibilização.

Na locação, considerando a sensibilidade 1 000 ASA, tivemos na rua a fotometragem média de 2.8. Nas barraquinhas da quermesse, onde tínhamos colocado 1 flood em cada uma, a fotometragem média subia a 11. Essa defasagem atrapalhou a movimentação de câmera, na medida em que era grande a diferença de diafragmas necessários.

A sensibilização por mercúrio exige que o filme seja processado no máximo 24 horas depois de exposto. Assim sendo, na manhã seguinte o material foi levado para o laboratório, onde realizamos alguns testes.

Chegamos à conclusão de que o processamento deveria ser realizado com o tempo aumentado, caracterizando-se assim a puxada de aproximadamente 1 stop. Supomos que isso se deveu à película já estar vencida, o que não permitiu uma perfeita sensibilização. O resultado final, no entanto, pode ser considerado bastante razoável, em face de uma série de condições desfavoráveis que tivemos para a filmagem.

As outras filmagens que constituíram o documentário não apresentam maiores problemas, pois tiveram boas condições à luz do dia.

#### **TCHAU, BRÁS**

**Direção:** Rudá de Andrade  
**Fotografia:** Eduardo Poiano  
**Montagem:** Eduardo Leone

*Acima à esquerda:*

*Josef Illés.*

*À direita:*

*Rudá de Andrade.*

*Abaixo:*

*cenas do filme*

